



BRAGA

E O TEMPO
MOVIMENTOS COLETIVOS



BRAGA E O TEMPO: MOVIMENTOS COLETIVOS

CATÁLOGO

Seleção fotográfica

Prof. Dr. Manuel Jacinto Sarmento

Textos

Lídia Dias, vereadora da Cultura e Educação da Câmara Municipal de Braga
Prof. Dr. Manuel Jacinto Sarmento

Design gráfico

Alexandre Fernandes

Imagens

Museu da Imagem / Câmara Municipal de Braga

ISBN

978-989-99600-8-4

Depósito legal

443758/18

Impressão

Graficamares, Lda.

Tiragem

1000 exemplares

EXPOSIÇÃO

Organização

Câmara Municipal de Braga / Cultura

Coordenação

Prof. Dr. Manuel Jacinto Sarmento
Divisão da Cultura / Museu da Imagem

Montagem e iluminação

Museu da Imagem

BRAGA E O TEMPO: MOVIMENTOS COLETIVOS

E pur si muove! Se a vida em comum é feita de laços que se entrecem entre indivíduos autônomos e independentes, há um dinamismo na força dessas ligações que faz com que as sociedades se inclinem numa direção ou noutra, conforme os sentidos que são coletivamente traçados. Movimentos coletivos: esta é a expressão que atribuímos ao registo fotográfico que documenta quase um século (de 1900 a 1974) de expressão de forças gregárias que exprimem diversos modos de vida em comunidade na cidade de Braga.

Mais do que "movimentos sociais", que se caracterizam por ser formas de associação e expressão no espaço público de coletivos sociais empenhados na transformação das suas condições de existência, *os movimentos coletivos* não têm, quase nunca, esse impulso transformador, nem na sua génese estão causas, reivindicações ou valores que os legitimariam. São antes formas de agrupamento de pessoas, de sinal heteróclito e diversificado, mas que participam da mesma capacidade dinâmica que faz com que os coletivos humanos constituam a circunstância da vida de cada um.

Esses movimentos coletivos têm diferentes dimensões e âmbitos. A começar pelo trabalho,

atividade que se realiza costumeiramente em coletivo, mesmo nos minifúndios onde a cooperação entre vizinhos permite consumir as atividades agrícolas mais exigentes, das sementeiras às vindimas e colheitas. É também no trabalho que se encontram formas de solidariedade corporativa, expressa no registo de trabalhadores do mesmo ofício que posam para a posteridade. Mas é coletiva também a festa, a celebração ou o ritual cultural. Coletivas também são as manifestações religiosas, das procissões à reunião dos "cruzados", bem como essa outra forma de procissão, pelo que tem de sacralização de personagens ou de causas: as manifestações políticas. Finalmente, a guerra e os seus contingentes são a expressão plena dessa manifestação de um coletivo que se afirma precisamente pela oposição a outros, reais ou imaginários, mas sempre desencadeadores do sentimento de ameaça que conduz à defesa pelas armas.

Desenha-se aqui um percurso documental sobre manifestações coletivas em torno do trabalho, da cultura, da festa, da religião, do poder e da guerra.

Todas as fotografias convidam ao inventário e interpretação do momento que elas fixam. Neste

caso, das formas de mobilização e ação coletiva. Não se pode, porém, interpretar esse convite como um percurso pela história, assim dada a ver na aparente transparência das imagens. Há qualquer coisa de insidioso e perverso na clareza com que se nos impõem esses momentos do passado, como se eles fossem os únicos e como se eles tivessem sido como aparentam ser. Na verdade, o registo fotográfico de acontecimentos coletivos é sempre o resultado de uma escolha: mostra-se o que se fotografou a partir da vontade deliberada de o dar a ver.

Isto tem uma dupla consequência: alguns movimentos e ações ficam por registar, deles não há memória fotográfica e essa sua eterna invisibilidade oculta a sua mesma existência. Paradoxalmente, a *câmara oculta* que metaforiza o processo fotográfico opera um efeito de dissolução visual no que se recusa a focar. Durante o século vinte, ocorreram em Braga movimentos coletivos com alguma expressão de que não restam imagens, pelo menos nos arquivos fotográficos que contêm o espólio donde foram extraídas e selecionadas as fotografias deste catálogo. Referimo-nos a acontecimentos tão significativos como, por exemplo, as concentrações, reprimidas

pelas forças afetas ao regime salazarista, de apoiantes do general Humberto Delgado, proibido de visitar a cidade do 28 de maio; ou os comícios no Theatro Circo das forças de oposição democrática; ou a celebração, logo silenciada, da vitória dos Aliados, na 2ª Guerra Mundial, reunidos ali na Brasileira Velha, que a Nova, do outro lado da r. de S. Marcos, (apelidada, justamente por Canal da Mancha), era reduto de germanófilos e simpatizantes do nazismo; ou, ainda, os piquetes de greve na Grundig, no início dos anos 70. Esses movimentos coletivos possuíam uma expressiva força de contestação, de tal forma que ficaram literalmente fora de cena, ocultados e silenciados.

Mas o caráter arbitrário da fotografia – no sentido em que depende do arbítrio de quem empunha a câmara – não se exprime apenas no que oculta, também se revela no que se recorta e seleciona para dar a ver. No caso vertente, o que a fotografia exprime é uma cidade e a sua população em forma ativa de solidariedade em vários momentos do século passado. E essa cidade é predominantemente marcada pela mobilização em torno dos diferentes poderes, do município ao governo, da Igreja ao exército, da organização corporativa à instituição social legitimada. Uma

cidade marcada pela confirmação da *ordem*, mesmo quando celebra, ou quando festeja ou quando reza. É possível que essa seja o mais marcante traço caracterizador da vida em comum nesta cidade de todos os epítetos glorificadores da ordem. É, certamente, o que mais claramente resulta de quem a fotografou nesses momentos em que a população se concentrou e se deu a ver como coletivo. Mas foi, afinal, essa mesma cidade que “explodiu”, como todo o país, nas manifestações espontâneas da manhã do 25 de abril.

E no entanto... No entanto, há uma subtil força irónica em tantas destas fotografias, que testemunha, se não um outro tempo, um outro ponto de vista menos consensual e respeitador das “coisas tal como elas eram”. Um chefe de Estado que mal se vê, semi-oculto pelos *confetis* que lhe caem em cima, é menos uma figura do poder do que uma personagem carnavalesca; um grupo de trabalhadores rurais onde as crianças conservam sobre a cabeça os cestos da labuta é menos um registo etnográfico do que um apelo quase neo-realista a um olhar desconstrutor de uma realidade social pesada; um grupo de mulheres fotografadas de trás, viradas para um quadro, é menos uma fotografia escolar do que um apelo à

decifração dos códigos com que se endoutrinam as gentes; a multidão da sopa dos pobres é menos exortativa da caridade cristã do que a presentificação da miséria; um Salazar de chapéu de coco é menos o estadista austero da propaganda do que a exibição inusitada da vaidade do poder; o cortejo académico do Congresso Histórico é menos um ato académico do que uma expressão de sumidades caminhando para a eternidade do esquecimento.

Procurar em cada fotografia para além das aparências, esse *punctum* de que Roland Barthes falava é um desafio que os “negativos” que foram selecionados para compor o catálogo nos coloca como observadores: para além da espessa positividade da imagem, um elemento polarizador da nossa sensibilidade leva-nos a descobrir o que está por detrás, essa coisa que está ali, para lá de um registo momentâneo de pessoas e coisas: o movimento subtil, apenas insinuado, de uma sociedade mais dinâmica e complexa do que aparenta. E, como dizia, Fernando Pessoa: essa coisa é que é linda.

Manuel Jacinto Sarmento